

## A literatura lésbica - Dossiê Sáfico

Abrimos nosso mapa de tempos e espaços. *A existência lésbica*, Adrienne Rich diz, se desenha no pêndulo que oscila entre *desviante* e o *odioso*. Invisível. Mas há a corrente, o *continuum* dessa existência persistente que, elo a elo, descortina uma *nova dimensão*. Nem desviante, nem odiosa: dimensão profundamente humana. Os artigos, resenha, tradução e exercício de estilo reunidos no presente número nos ajudam a cartografar esse existir. Ouviram nosso chamado e nos ajudam a recusar a extinção. E, assim, nos ajudam a *respirar melhor*.

**Geografias lésbicas: literatura e gênero**, de Natalia Borges Polezzo, nos suspende do tempo histórico e nos leva para lá *onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres queer é possível*. Artigo de asas nos pés, nos faz orbitar a Terra e nela encontrar as paisagens das letras lésbicas; e lhes dá, de presente, o mundo. Saltamos, então, do espaço sideral com vista para o globo, e Isadora Araújo Pontes nos mergulha no *ponto cego*. Estamos diante de **Narrativas de Mulheres e da lesbiandade: discursos do 'outro lugar'**, onde encontramos com Violette Leduc em um *tempo fora do tempo* e a literatura lésbica se faz não de seu singular, mas de suas melodias plurais. E, agora, nos desintegramos para nos vermos sujeitos. Em **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**, Eurídice Figueiredo nos coloca entre a *performatividade* e a *performance* e convida Guimarães Rosa, Amara Moira, Balzac e Marcia Tiburi a comporem nossa dimensão com suas vozes. E respiramos melhor.

Deixamos para trás as amplas paisagens e nos refazemos. Vamos nos abrigar entre (várias) quatro paredes. Encontramos, no *continuum*, aquela que o concebeu: **O sonho de uma língua comum: a tradição segundo Adrienne Rich**, de Sarah Valle Camargo, é nosso primeiro refúgio. Aqui, a existência lésbica e sua literatura se deparam com pergunta aterradora: *a língua é comum para quem?* e nos mostra como Rich, em sua poética, política, buscou usar a tradição para criticá-la. Despertamos desse *mapa de nossas existências íntimas e coletivas*, e vamos **De Marcellina à Marcela: representações em Cassandra Rios**, em que Izadora Fernanda Reichert Rodrigues e Alexandra Santos Pinheiro desdomesticam o olhar comum voltado à Cassandra Rios, extrapolando a censura e os rótulos, concedendo às existências femininas um *novo enredo*, uma nova história. Nos vemos, logo em seguida, imersos em profundos onde há **A emergência lésbica em Clarice Lispector**, de Claudiana Gois dos Santos, em que conhecemos Carmem, Beatriz e sua vontade de *viver dentro do espaço tempo possível*, sob um teto todo delas, *um relacionamento que inove os modos de vida estabelecidos socialmente*.

Chegamos, então, num *sensualismo intenso* onde *vibram misticismos decadentes*. No artigo **Erotismo lésbico e experiência mística: uma leitura de Perfis decadentes, de Judith Teixeira**, de Henrique Marques Samyn, desaparecem as amantes cujos gritos ainda ecoam. Aqui, a dimensão lesboerótica suspende tempo, espaço, corpo; corpo que se aniquila, justamente, para ser pleno. A poeta portuguesa será o tema também da resenha **Uma Safo no modernismo português: poesia e prosa, de Judith Teixeira**. Partimos rumo ao orgasmo. Contudo, **La place du sadomasochisme lesbien: construction et vivabilité des plaisirs dans une nouvelle de Jane Delynn** nos alerta: não se trata, simplesmente, de gozar, mas de compreender a origem do gozo e articular o gozo dissidente à normatividade comum.

Nesse percurso, percebemos que devemos prestar atenção à língua – como o que falamos está sendo recebido? A questão evidencia também o corpo, a língua de fato, envolvida e envolvente num processo de comunicação reivindicado em sua singularidade pelo corpo dissidente. Em **Falar em língua abolida: a tradução de Desglacé, de Maria-Mercè Marçal, para o português**, de Meritxell Hernando Marsal e Beatriz Regina Guimarães Barboza, vemos a poética rebelde (feminista, socialista, catalanista) da poeta catalã, que percebia uma “língua abolida” para expressar o desejo feminino – a dimensão simbólica do não-dito ou da *experiência convertida em ‘inefável’* que resulta na invisibilidade e na mudez. Como traduzir essa língua rebelde? O artigo discute a percepção da poeta e ensaísta, mas nos traz também o debate sobre a tradução dessa poética para o português.

Havia uma ilha, Lesbos, e nela, nossa miragem poética, Safo. Como essa poesia grega vai ser traduzida? Em **Renée Vivien, tradutora de Safo**, Letticia Batista Rodrigues Leite mapeia a obra de uma das poucas tradutoras mulheres de Safo, que acentua a expressão poética lesboerótica, em escolhas ousadas que marcavam o gênero do eu-lírico – recolocando em evidência a possibilidade de expressão do homoerótica da poética grega. Podemos caminhar nessa ilha sabendo ouvir a língua de Safo.

A língua da outra. Continuemos nos domínios da tradução. **Ficções lésbicas: ponto de vista e contingências**, da argentina Laura Arnés, traduzida por Vitor Borysow, é a primeira parte do livro *Ficções lésbicas* que discute um corpus de obras que trazem *aparição lésbica ou, melhor dito, das políticas de sua aparição; busca ler o momento em que a lésbica se converte em imagem ou em imaginação* na literatura argentina. Esse primeiro capítulo cedido à nossa revista faz o mapeamento das dificuldades de observação do fenômeno lésbico na literatura, nos dando instrumentos em nosso percurso ao mostrar as contingências da teoria e da crítica literária lésbica como campos legítimos de reflexão acadêmica.

Embarquemos na nau Argo – a viagem aqui não tem fim, senão iniciando outros percursos. Em **Notas para argonautas**, Mariana Ruggieri, autora de nosso Exercício de estilo, espaço para relacionar crítica e criação literária, mostra sua leitura de *The Argonauts*, de Maggie Nelson (2015), mostrando como a questão queer está indissociada das *questões da escrita e da necessidade de inventar e reencenar, citar e deslocar a linguagem*.

Mônica Gama  
Naná DeLuca  
Editoras